

Prejuízo para a população de SP também na Saúde

A inspetora de alunos Eralda Crispiniano, de 40 anos, está preocupada com a gravidez, de 6 meses: "Marquei, há dois meses, o ultra-som", conta, em frente ao Hospital Geral de Guaianases, na Zona Leste. Às 8 horas, quando Eralda chegou ao local foi impedida de entrar por um grupo de funcionários. "Estamos em greve por tempo indeterminado", informou Roseli Aparecida Ilídio, diretora do Sindicato dos Trabalhadores Estaduais da Saúde de São Paulo (Sindsaúde).

A greve foi decidida em assembléia na sexta-feira. "Só recebemos aparelhos sucateados usados pelas unidades de saúde, só que a demanda aqui é muito grande", reclamou Roseli. Ontem, o hospital só atendeu pacientes de emergência.

De acordo com uma estimativa do Sindsaúde, cerca de 25% da rede aderiu à paralisação. Já a Secretaria de Estado da Saúde informou que houve paralisação de 1% do atendimento médico por todo o Estado.

Muitas pessoas não sabiam da greve. "Eu nem imaginava", contou a doméstica Joseti de Oliveira, de 36 anos. Inconformada com a notícia de que não faria o exame para identificar cálculo renal, ela permaneceu de em pé na tentativa de ser atendida. "Não adianta, minha gente. Quem tiver consulta pode voltar para a casa", retrucou Roseli.

Aos gritos, Joseti reclamou da falta de respeito por parte dos funcionários. "Eles ainda ganham bem. Pior sou eu que não chego a receber um salário mínimo", disse.

Após a decisão de esquecer as consultas, os pacientes foram orientados a tentar encaixe depois de dez dias.